

## RESENHA

PEREIRA, João Paulo de Araújo.

*Mestre Bimba: o Sonho de Salomão*

*Cajazeiras: Arribaça, 2021.*

**Luiz Renato Vieira**

Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB)

Nas últimas décadas, a capoeira se consolidou como tema de pesquisa no Brasil e no exterior, de uma forma, ao mesmo tempo, muito ampla e muito peculiar. Sua disseminação como prática corporal, em diversas perspectivas e leituras identitárias, tem sido o motor de um conjunto impressionante de reflexões que, cada vez mais, ganham publicidade. Seja no âmbito das redes sociais, em círculos restritos de praticantes e mestres da arte, ou em coletivos engajados em causas relacionadas ao tema da capoeira – sobretudo sua história e seus aspectos culturais –, a luta brasileira está sendo estudada e pesquisada como nunca.

Uma das características que tornam todo esse movimento peculiar, para além da dimensão que rapidamente adquiriu nos tempos recentes, é o fato de que essas diferentes manifestações do interesse na pesquisa da capoeira não ocorrem de maneira estanque. Temos, na realidade, a consolidação de múltiplas identidades de pesquisadores e pesquisadoras, indo, inclusive, bem além da figura, detectada na década de 1990 e sempre mencionada, do “capoeirista-pesquisador”. Hoje, mais adequado seria utilizar a tríade “capoeirista-pesquisador-militante”, apesar de nem sempre termos essas três identidades presentes simultaneamente no sujeito que empreende o estudo.

O fato é que grande parte da literatura sobre a capoeira na atualidade ocupa um espaço liminar entre as publicações que derivam de pesquisas acadêmicas stricto

sensu – como dissertações, teses e artigos científicos – e aquelas oriundas de conteúdos produzidos para praticantes interessados, sobretudo, nos aspectos marcantes e pitorescos da história da arte-luta.

Assim, é preciso levar em consideração, entre outros aspectos, a inserção do autor em um campo de poder (recorrendo ao conceito cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu) híbrido, envolvendo o setor da produção intelectual e o campo de atuação profissional, esportiva e artística dos praticantes da capoeira.

Considerada divisor de águas na história da arte-luta no século XX, a capoeira regional (versão moderna da modalidade, criada pelo baiano Manoel dos Reis Machado, o célebre Mestre Bimba, com fortes conotações marciais e diversas releituras de seus fundamentos tradicionais) tem sido objeto de inúmeros estudos recentes. São trabalhos que vão de registros de depoimentos de antigos alunos do mestre a teses produzidas em universidades no Brasil e no exterior. Na realidade, esse interesse não chega a ser uma novidade: há muito tempo, discutem-se os significados históricos da capoeira regional e seus impactos no ambiente político e cultural do Brasil da primeira metade do século XX.

É comum os capoeiristas, e até mesmo alguns estudiosos, associarem a “liberação” da capoeira, ou sua descriminalização, à obra de Mestre Bimba. Frequentemente, utiliza-se, equivocadamente, uma foto de um encontro de Bimba com Getúlio Vargas, datada de 1953, para “comprovar” as ações do mestre junto ao governo para que a luta deixasse de ser considerada crime.

É nesse contexto de intenso debate nos círculos acadêmicos e de praticantes da capoeira que surge *Mestre Bimba: o Sonho de Salomão*, um interessante livro de João Paulo de Araújo Pereira, conhecido na capoeira como João Pitoco. Precedido de uma intensa divulgação por diversos meios digitais, incluindo redes sociais e grupos em aplicativos de mensagens, o volume foi amplamente relacionado com a divulgação de registros em áudio desconhecidos pela grande maioria dos capoeiristas. Entre essas gravações há um toque de berimbau (assim denominam-se as melodias ritmadas do instrumento) “nunca antes associado com a Capoeira Regional”, denominado Sonho de Salomão.

Trata-se, de fato, de um livro muito interessante. Em suas 523 páginas, reúne uma quantidade impressionante de informações sobre a vida de Mestre Bimba e sua capoeira regional. Não se trata de um conjunto de análises inovadoras sobre o

estilo nem de um estudo sobre o contexto histórico e cultural que proporcionou sua criação. Temos, sobretudo, um excelente trabalho de reunião de fontes de pesquisa e de organização de informações biográficas.

O livro não segue o modelo usual de recortes temáticos e organização em capítulos. O volume é estruturado em 96 pequenos tópicos ordenados, em sua maioria, cronologicamente. Se, por um lado, essa escolha evidentemente não é a melhor do ponto de vista da produção de um texto analítico, por outro, facilita bastante a consulta para o leitor interessado em aspectos pontuais referentes à capoeira regional.

Nesse sentido, temos uma espécie de dicionário, de fácil consulta, sobre a vida de Mestre Bimba e a escola que criou. Dessa forma, embora isso não seja o ideal, os tópicos podem ser lidos de forma independente, de acordo com o interesse do leitor em temáticas específicas. O livro apresenta também uma farta documentação sobre Mestre Bimba e a regional, inclusive com uma boa iconografia e reproduções de matérias de jornais e outras publicações.

Há muitas reproduções de trechos de livros sobre a capoeira regional. Tantas que, na verdade, em alguns momentos, o leitor se vê em dificuldades para saber se está lendo uma longa citação ou um texto da lavra do autor do livro. O uso do recurso do negrito para textos citados não resolve adequadamente o problema, e muitos fragmentos de outras obras não estão acompanhados da referência bibliográfica completa.

Isso, entretanto, não chega a ser um problema maior diante da riqueza dos trechos transcritos. Difícilmente, alguém que se inicia na pesquisa da capoeira teria acesso a todos os originais cujas transcrições são apresentadas no livro. O autor generosamente facilitou o acesso, por meio dessas reproduções, a fragmentos que, em situações normais, um estudioso poderia levar anos para reunir.

Não há propriamente no livro uma discussão sobre os sentidos da história, acerca dos aspectos epistemológicos da busca da ancestralidade ou do processo de construção de uma identidade particular de uma escola de capoeira. Essa não é, de fato, a proposta do volume. Em nenhum momento o autor promete discutir os fundamentos de filosofia da história ou de teoria do conhecimento dos quais parte para aplicar ao estudo da capoeira que realiza. Assim, é importante ressaltar que, quando se produz conhecimento histórico e certos pressupostos não são explicitados, há um risco considerável de reforçar discursos e narrativas que merecem apreciação crítica mais aprofundada.

Entretanto, são questões que, inevitavelmente, surgem na leitura de um volume que se propõe ser mais (e efetivamente é) do que um apanhado de documentos históricos comentados. Ao apresentar o livro como inovador na historiografia sobre a capoeira regional, reivindicando espaço no debate acadêmico, é natural que sejam apontados problemas formais, como o fato de as referências bibliográficas, ao final do livro, não estarem ordenadas alfabeticamente pelo último sobrenome do autor.

Entre as diversas contribuições trazidas pelo livro, é interessante destacar as transcrições das cantigas registradas por Bimba, o que nos dá uma boa visão do aspecto musical da obra do mestre. Da mesma forma, vale salientar o interessante prefácio escrito por Jeroen Verheul, o contramestre Rouxinol, que situa o trabalho de pesquisa realizado por João Pitoco no contexto dos estudos sobre o legado de Mestre Bimba.

Pode-se afirmar que o livro, tendo em vista as questões que destacamos no início desta breve reflexão, é muito mais a exaltação do legado do Mestre Bimba do que uma análise crítica e contextualizada das diversas nuances de sua construção simbólica. Isso, porém, não lhe reduz a importância como rica consolidação de documentação e de informações sobre o mestre, que Carybé considerava “o Lutero da capoeira”.